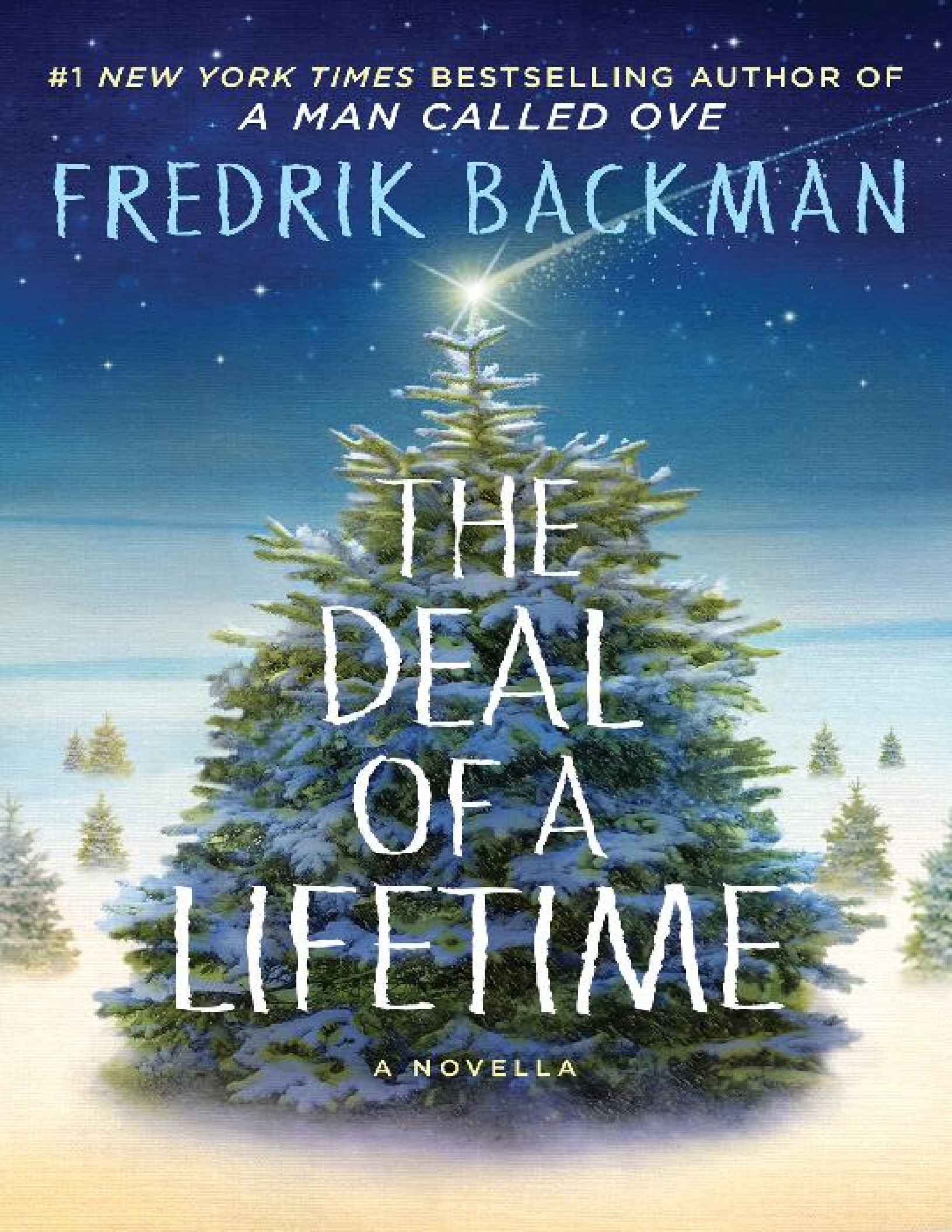

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF
A MAN CALLED OVE
FREDRIK BACKMAN
THE DEAL OF A LIFETIME
A NOVELLA

Traduzido, revisado e diagramado por chaoticslates no twitter. Todos os direitos à sua editora e autora, apenas traduzimos a fim de levar reconhecimento para os livros no Brasil para que assim, possam ser publicados. Todos devem ter acesso à literatura, mas se você tem condições, por favor, apoie os autores e leia o original.



CHAOTIC
SLATES

ALGUMAS PALAVRAS ANTES DO RESTO DAS PALAVRAS

Esta é uma pequena história sobre o que você estaria disposto a sacrificar para salvar uma vida. Se não fosse só o seu futuro em jogo, mas também o seu passado. Não apenas os lugares que você está indo, mas as pegadas que deixou para trás. Se fosse tudo isso, tudo de você, por quem você se entregaria?

Escrevi essa história tarde da noite, pouco antes do Natal de 2016. Minha esposa e meus filhos estavam dormindo a alguns braços de distância. Eu estava muito cansado, tinha sido um ano longo e estranho, e estive pensando muito sobre as escolhas que as famílias fazem. Todos os dias, em todos os lugares, percorremos uma estrada ou outra. Nós brincamos, ficamos em casa, nós nos apaixonamos e adormecemos um ao lado do outro. Descobrimos que precisamos de alguém para nos apaixonar perdidamente para perceber sobre o que o tempo realmente se trata.

Então eu tentei contar uma história sobre isso.

Foi publicado no jornal local da minha cidade natal, Helsingborg, no extremo sul da Suécia. Todos os locais da história são reais - fui para a escola na esquina do hospital e o bar onde os personagens bebem pertence e é

administrado por amigos de infância meus. Eu fiquei muito bêbado lá em várias ocasiões. Se você estiver por perto de Helsingborg, eu recomendo fortemente.

Moro seiscentos quilômetros mais ao norte agora, em Estocolmo, com minha família. Então, em retrospecto, acho que essa história não era apenas sobre como eu me sentia sobre o amor e a morte naquela noite em que estava sentado no chão ao lado da cama em que minha esposa e nossos filhos estavam dormindo, mas também sobre meus sentimentos pelo lugar onde cresci. Talvez todas as pessoas tenham aquele sentimento bem no fundo, de que sua cidade natal é algo de que você nunca pode realmente escapar, mas também uma casa a qual nunca poderá voltar. Porque ali não é mais sua casa. Não estamos tentando fazer as pazes com elas. Não com as ruas e tijolos. Apenas com a pessoa que éramos naquela época. E talvez nos perdoemos por tudo que pensamos que seríamos e não nos tornamos.

Talvez você ache que esta é uma história estranha, eu não sei. Não é muito longa, então, pelo menos, acabará rapidamente neste caso. Mas espero que meu eu mais jovem a tivesse lido e descoberto que... bem... não é horrível. Acho que ele e eu poderíamos ter ido tomar uma cerveja. Falar sobre escolhas. Eu teria mostrado a ele fotos da minha família e ele teria dito: “Bem. Você fez bem”.

Enfim, essa é a história. Obrigado por reservar um tempo para lê-la.

Com amor,



Fredrik Backman

THE DEAL OF A LIFETIME

-a novella-

FREDRIK BACKMAN

Translated by Alice Menzies

ATRIA BOOKS
New York London Toronto Sydney New Delhi


Hi, it's your dad. You'll
be waking up soon, it's
Christmas Eve morning
Helsingborg, and
illed a

Oi. É o seu pai. Você estará acordando logo, é véspera de Natal em Helsingborg e eu matei uma pessoa. Não é assim que os contos de fadas geralmente começam, eu sei. Mas tirei uma vida. Faz diferença se você sabe de quem foi?

Talvez não. A maioria de nós deseja desesperadamente acreditar que cada coração que para de bater também faz falta. Se nos for perguntado "Todas as vidas valem o mesmo?" a maioria de nós responderá com um sonoro "Sim!" Mas só até alguém apontar para uma pessoa que amamos e perguntar: — E aquela vida?

Faz diferença se eu matei uma pessoa boa? Uma pessoa amada? Uma vida valiosa?

Uma criança?



Ela tinha cinco anos. Eu a conheci há uma semana atrás. Havia uma cadeirinha vermelha na sala de TV do hospital, que era dela. Não era vermelha quando ela chegou, mas ela podia ver que a cadeira queria ser. Demorou vinte e duas caixas de giz de cera, mas isso não importava, ela podia dispor-se, todo mundo aqui lhe dava giz de cera o tempo todo. Como se ela pudesse afastar sua doença, colorir as agulhas e as drogas. Ela sabia que isso não era possível, é claro, ela era uma criança esperta, mas fingia para o bem deles. Então ela passava os dias desenhando no papel, porque isso deixaria todos os adultos felizes. E à noite, ela coloriu a cadeira. Porque ela realmente queria ser vermelha.

Ela tinha um bicho de pelúcia, um coelho. Ela o chamou de “Boelho”. Quando aprendeu a falar, os adultos pensaram que ela estava chamando de “Boelho” porque não conseguia dizer “Coelho”. Mas ela o chamou de Boelho porque Boelho era o seu nome. Isso não deve ser tão difícil de entender, mesmo para um adulto. Boelho ficava assustado às vezes, e então sentava na cadeira vermelha. Pode não ser cientificamente comprovado que sentar em uma cadeira vermelha deixará você menos assustado, mas Boelho não sabia disso.

A garota se sentou no chão ao lado de Boelho, dando tapinhas em sua pata e contando-lhe histórias. Uma noite, eu estava escondido em um corredor e a ouvi dizer: — Vou morrer em breve, Boelho. Todo mundo morre, só que a maioria das pessoas vai morrer em talvez cem mil anos, mas eu posso morrer amanhã. — Ela acrescentou, em um sussurro: — Espero que não seja amanhã.

Então, de repente, ela olhou para cima com medo, observou ao redor como se tivesse ouvido passos no corredor. Rapidamente agarrou Boelho e sussurrou boa noite para a cadeira vermelha. — É ela! Ela está vindo! — a menina sibilou, correndo em direção ao quarto, escondendo-se sob as cobertas ao lado da mãe.

Eu também corri. Tenho corrido toda a minha vida. Porque todas as noites, uma mulher com um macacão grosso e cinza de tricô caminha pelos corredores do hospital. Ela carrega uma pasta. Ela tem todos os nossos nomes escritos dentro.



É véspera de Natal e, quando você acordar, a neve provavelmente terá derretido. A neve nunca dura muito em Helsingborg. É o único lugar que conheço de onde o vento vem em um ângulo vindo de baixo, como se estivesse revistando você. Onde os guarda-chuvas o protegem melhor se você os segurar de cabeça para baixo. Eu nasci aqui, mas nunca me acostumei, Helsingborg e eu nunca encontraremos a paz. Talvez todos se sintam assim em relação a sua cidade natal: o lugar de onde somos nunca se desculpa, nunca admite que estava errado sobre nós. Ele apenas fica lá, no final da rodovia, sussurrando: — Vocês podem ser ricos e poderosos agora. E talvez você volte para casa com relógios caros e roupas elegantes. Mas você não pode me enganar, porque eu sei quem você realmente é. Você é apenas um garotinho assustado.

Encontrei a morte ao lado do meu carro destruído na noite passada, após o acidente. Meu sangue estava em toda parte. A mulher de suéter cinza estava parada ao meu lado com um olhar de desaprovação no rosto e disse: — Você não deveria estar aqui. — Eu estava com tanto medo dela, porque sou um vencedor, um sobrevivente. E todos os sobreviventes têm medo da morte. É por isso que ainda estamos aqui. Meu rosto foi cortado em pedaços, meu

ombro fora do lugar e eu estava preso dentro de 1,5 milhões de coroas de aço e tecnologia.

Quando vi a mulher, gritei — Leve outra pessoa! Posso dar a você outra pessoa para matar!

Mas ela apenas se inclinou para frente, parecendo desapontada e disse: — Não funciona assim. Eu não tomo as decisões. Eu apenas cuido da logística e do transporte.

— Para quem? Para Deus ou o Diabo, ou... alguma outra pessoa? — Eu solucei.

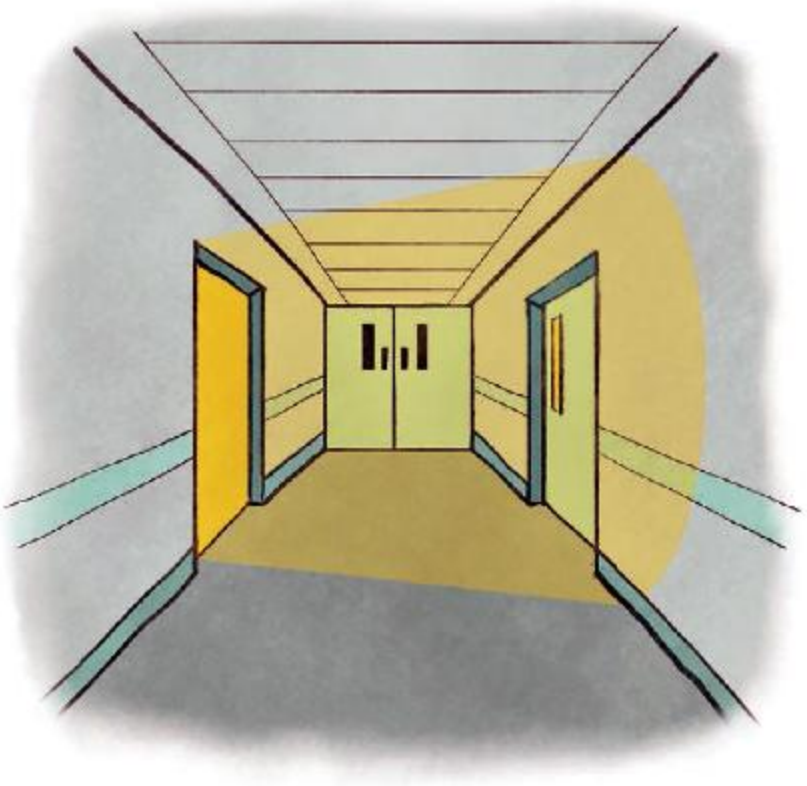
Ela suspirou. — Fico fora da política. Apenas faço meu trabalho. Agora me dê minha pasta.



Não foi o acidente de carro que me trouxe ao hospital, eu estive lá muito antes disso. Câncer. Eu tinha conhecido a garota pela primeira vez seis dias antes, quando estava fumando na escada de incêndio para que as enfermeiras não me vissem. Elas falavam sem parar sobre fumar, como se isso tivesse tempo de me matar.

A porta do corredor estava entreaberta e pude ouvir a menina conversando com a mãe na sala de TV. Elas jogavam o mesmo jogo todas as noites, quando o hospital estava tão silencioso que dava para ouvir os flocos de neve batendo nas janelas como beijos de boa-noite, a mãe sussurrava para a menina: — O que você vai ser quando crescer?

A menina sabia que o jogo era para o bem de sua mãe, mas fingia que era para ela. Ela ria ao dizer “doutora” e “engenheira”, além do seu eterno favorito: “caçadora espacial”.



Assim que a mãe adormeceu na poltrona, a menina ficou onde estava, colorindo a cadeira que queria ficar vermelha e conversando com Boelho cujo nome era aquele. — É frio na morte? — ela perguntou a Boelho. Mas Boelho não sabia. Então a garota colocou luvas grossas em sua mochila, só como garantia.

Ela me viu através do vidro. Não estava com medo, lembro-me de ficar furioso com os pais dela por isso. Que tipo de adulto não cria seu filho para ter medo de um sujeito estranho de 45 anos, fumante inveterado que está olhando para ela de uma escada de incêndio? Mas essa garota não estava com medo. Ela acenou. Eu acenei de volta. Ela agarrou a pata de Boelho, foi até a porta e falou pela fresta.

— Você também tem câncer?

— Sim — respondi. Porque essa era a verdade.

— Você é famoso? Você está em uma foto no jornal da mamãe.

— Sim — respondi. Porque isso também era verdade. Os jornais escreveram sobre meu dinheiro, ninguém sabia que eu estava doente ainda, mas sou o tipo de pessoa cujo diagnóstico vai virar notícia. Não sou uma pessoa comum, todos ouvirão sobre isso quando eu morrer. Quando as meninas de cinco anos morrem, ninguém escreve sobre isso, não há nenhum memorial nos jornais vespertinos, seus pés ainda são muito pequenos, eles não tiveram tempo de fazer ninguém se preocupar com seus passos ainda. Mas

as pessoas se preocupam comigo por causa do que vou deixar para trás, o que construí e conquistei, negócios, propriedades e ativos. Dinheiro não é dinheiro para mim, não como é para você. Eu economizo e calculo e não me preocupo com isso. Não são nada além de pontos para mim, apenas uma medida do meu sucesso.

— Não é o mesmo câncer que você tem — eu disse para a garota. Porque esse foi meu único consolo no diagnóstico. Que o médico havia explicado se desculpando: —Você tem um tipo de câncer muito, muito incomum.

— Eu nem mesmo tenho câncer como vocês.

A menina piscou com firmeza e perguntou: — É frio na morte?

— Não sei — eu disse.

Deveria ter dito outra coisa. Algo maior. Mas não sou esse homem. Então, simplesmente larguei o cigarro e murmurei: — Você deveria parar de desenhar nos móveis.

Sei o que você está pensando: que desgraçado eu sou. E você está certo. Mas a grande maioria das pessoas de sucesso não se tornam desgraçadas, éramos desgraçados muito antes. É por isso que temos tido sucesso.

— Você pode desenhar nos móveis quando está com câncer — a garota exclamou de repente, dando de ombros. — Ninguém diz nada.

Não sei o que houve, mas comecei a rir. Quando foi a última vez que fiz isso? Ela riu também. Então ela e Boelho correram para o quarto.

É tão fácil matar alguém, tudo que uma pessoa como eu precisa é de um carro e alguns segundos. Porque pessoas como você confiam em mim, você dirige milhares de quilos de metal a centenas de quilômetros por hora, disparando na escuridão com as pessoas que você mais ama dormindo no banco de trás, e quando alguém como eu se aproxima da direção oposta, você confia que não tenho freios ruins. Que eu não estou procurando meu telefone entre os assentos, não estou dirigindo muito rápido, não estou vagando entre as pistas porque estou piscando as lágrimas dos meus olhos. Que eu não estou sentado na estrada de acesso à 111 com meus faróis apagados, apenas esperando por um caminhão. Você confia em mim. Que não estou bêbado. Que não vou te matar.

A mulher com o suéter cinza me puxou para fora dos destroços esta manhã. Ela limpou meu sangue de sua pasta.

— Mate outra... pessoa — eu implorei.

Ela respirou resignada pelo nariz.

— Não funciona assim. Eu não tenho esse tipo de influência. Não posso simplesmente trocar uma morte por outra morte. Eu tenho que trocar uma vida por outra vida.

— Faça isso, então! — Eu gritei.

A mulher balançou a cabeça com tristeza, estendeu a mão e tirou um cigarro do bolso do meu peito. Estava

dobrado, mas não quebrado. Ela fumou em duas longas tragadas.

— Na verdade, eu desisti — disse ela na defensiva.

Eu deitei no chão sangrando e apontei para a pasta.

— Meu nome está aí?

— O de todo mundo está.

— O que você quer dizer com *uma vida por outra vida*?

Ela gemeu.

— Você é realmente um idiota. Sempre foi.



Em um ponto no tempo, você era meu. Meu filho.

A garota do hospital me lembrou de você. Algo aconteceu quando você nasceu. Você chorou muito alto e foi a primeira vez que aconteceu comigo: a primeira vez que senti dor por outra pessoa. Eu não poderia ficar com alguém que tinha esse tipo de poder sobre mim.

Todo pai vai ficar cinco minutos no carro fora de casa de vez em quando, apenas sentado lá. Apenas respirando e reunindo forças para voltar para dentro de todas as suas responsabilidades. A expectativa sufocante de ser bom, corajoso. Todo pai levará dez segundos na escada ocasionalmente, com a chave na mão, sem colocá-la na fechadura. Fui honesto, só esperei um momento antes de correr. Passei toda a sua infância viajando. Você tinha a idade da menina quando perguntou o que eu fazia. Eu disse que fazia dinheiro. Você disse que todo mundo fazia isso. Eu disse — Não, a maioria das pessoas apenas sobrevive, elas pensam que suas coisas têm valor, mas nada tem. As coisas só têm um preço, com base na expectativa, e faço negócios com isso. A única coisa de valor na Terra é o tempo. Um segundo sempre será um segundo, não há como negociar com isso.

Você me despreza agora, porque dediquei todos os meus segundos ao meu trabalho. Mas eu, pelo menos, os

dediquei a alguma coisa. A que os pais de seus amigos devotaram suas vidas? Churrascos e partidas de golfe? Férias fretadas e programas de TV? O que eles vão deixar para trás?

Você me odeia agora, mas você já foi meu. Certa vez, você se sentou no meu colo e ficou com medo do céu estrelado. Alguém lhe disse que as estrelas não estão realmente acima de nós, mas abaixo, e que a terra girava tão rapidamente que, se você fosse pequeno e leve, poderia facilmente cair, direto para toda aquela escuridão. A porta da varanda estava aberta, sua mãe ouvia Leonard Cohen, então eu disse a vocês que morávamos no fundo de uma gruta aconchegante e que o céu era como uma pedra cobrindo a abertura. — Então o que são as estrelas? — você perguntou, e eu disse que eram fendas, pelas quais a luz podia entrar. Então eu disse que seus olhos eram a mesma coisa, para mim. Pequenas rachaduras, através das quais a luz poderia vazar. Você riu tão alto então. Você já riu assim desde então? Eu ri também. Eu, que queria viver uma vida acima de todo mundo, acabei com um filho que preferia viver bem abaixo da superfície.

Na sala, sua mãe aumentou o volume e dançou, rindo, do outro lado da janela. Você escalou mais alto no meu colo. Éramos uma família então, embora fugazmente. Eu pertencia a vocês dois, por um ou dois momentos.

Eu sei que você gostaria de ter um pai comum. Alguém que não viajasse, não fosse famoso, alguém que teria ficado

feliz com apenas dois olhos nele: os seus. Você nunca quis dizer seu sobrenome e ouvir — Desculpe, mas é seu pai...? — Mas eu era importante demais para isso. Não te levei para a escola, não segurei sua mão, não te ajudei a apagar as velas de seu aniversário, nunca adormeci em sua cama, na metade de nossa quarta história para dormir, com sua bochecha na minha clavícula. Mas você terá tudo que todos desejam: Riqueza. Liberdade. Abandonei você, mas pelo menos abandonei você no topo da hierarquia das necessidades.



Mas você não se importa com isso, não é? Você é o filho de sua mãe. Ela era mais inteligente do que eu, nunca a perdoei por isso. Ela também sentia mais do que eu, essa era sua fraqueza, e isso significava que eu poderia machucá-la com palavras. Você pode não se lembrar quando ela me deixou, você ainda era tão pequeno, mas a verdade é que eu nem percebi. Voltei para casa depois de uma viagem e demorei dois dias para perceber que nenhum de vocês estava lá.

Vários anos depois, quando você tinha onze ou doze anos, vocês dois tiveram uma grande discussão sobre algo e você pegou um ônibus para minha casa no meio da noite e disse que queria morar comigo. Eu disse não. Você estava completamente fora de si, soluçando e chorando no tapete do meu corredor, gritando que não era justo.

Eu olhei nos seus olhos e disse: — A vida não é justa.

Você mordeu o lábio. Abaixou os olhos e respondeu: — Sorte sua.

Você pode ter deixado de ser meu naquele dia, não sei. Talvez tenha sido quando eu perdi você. Se for esse o caso, eu estava errado. Se for esse o caso, a vida é justa.

Quatro noites atrás, a garota bateu na janela novamente.

— Você quer jogar? — ela perguntou.

— O quê? — Eu disse.

— Estou entediada. Você quer jogar?

Eu disse que ela deveria ir para a cama. Porque sou a pessoa que você pensa que sou, o tipo de pessoa que diz não quando uma criança de cinco anos que está morrendo quer brincar. Ela e Boelho foram em direção ao quarto dela, mas a garota se virou, olhou para mim e perguntou:
— Você também é corajoso?

— O quê?

— Todo mundo sempre diz que sou muito corajosa.

Suas pálpebras tremeram. Então respondi honestamente:
— Não seja corajosa. Se você está com medo, fique com medo. Todos os sobreviventes ficam.

— Você está? Da mulher com a pasta?

Dei uma tragada calma no cigarro e balancei a cabeça lentamente.

— Eu também — disse a garota.



Ela e Boelho caminharam em direção ao seu quarto. Não sei o que aconteceu então. Talvez eu tenha me estilhaçado, fazendo toda a luz se espalhar para fora. Ou para dentro. Não sou mau, até eu entendo que o câncer deveria ter um limite de idade. Então abri minha boca e disse: — Hoje não. Vou ficar aqui e vigiar, para que ela não venha esta noite.

A garota sorriu então.

Na manhã seguinte, estava acordado sentado no chão do corredor. Eu ouvi a menina e sua mãe jogando um novo jogo. A mãe perguntou: — Quem você gostaria de convidar para sua próxima festa de aniversário? — mesmo que não haja um próximo. E a garota jogou junto, recitou os nomes de todos que amava. É uma longa lista quando você tem cinco anos. Naquela manhã, eu estava na lista.

Sou um egoísta, você aprendeu isso desde cedo. Sua mãe uma vez gritou que eu sou o tipo de pessoa que não têm iguais, só pessoas acima de mim das quais quero algo e pessoas abaixo de mim que eu atropelo. Ela estava certa, então continuei até não sobrar ninguém acima de mim.

Mas quão grande é o meu egoísmo? Você sabe que posso comprar e vender tudo, mas será que escalaria cadáveres? Eu mataria alguém?

Eu tive um irmão. Nunca te disse isso. Ele estava morto quando nascemos. Talvez houvesse espaço para apenas um de nós nesta terra e eu quisesse mais. Eu escalei meu irmão no útero. Era um vencedor, mesmo então.

A mulher com a pasta estava lá, no hospital. Vi as fotos. Às vezes, quando minha mãe bebia sozinha à noite, adormecia bêbada demais para se lembrar de escondê-las. A mulher estava por toda parte nessas fotos, uma figura fora de foco do lado de fora das janelas, um borrão nos corredores. Em um dia antes do nosso nascimento, ela estava na fila atrás dos meus pais em um posto de gasolina. Minha mãe estava grávida. Papai estava rindo naquela foto. Eu nunca o vi fazer isso. Ao longo da minha vida, ele apenas sorria.

Quando eu tinha cinco anos, vi a mulher com a pasta perto de alguns trilhos de trem. Eu estava prestes a

atravessar quando ela saltou do outro lado e gritou alguma coisa. Eu parei de repente, surpreso. O trem apareceu um segundo depois, trovejando tão perto que eu cai.

Quando eu tinha quinze anos, meu melhor amigo e eu estávamos brincando nas rochas à beira-mar em Kullaberg e, no meio do caminho, passamos por uma mulher com um suéter cinza. — Cuidado, essas rochas são traiçoeiras quando chove — ela murmurou. Não a reconheci até que ela já tivesse ido.



Começou a chover meia hora depois, e meu melhor amigo caiu de cabeça. A chuva ainda caía durante o funeral, como se nunca planejasse parar. Eu vi a mulher ao sair da igreja, ela estava parada sob um guarda-chuva na praça, mas a chuva ainda batia em seu rosto, como só acontecia em Helsingborg.

Quando meu pai ficou doente, eu a vi do lado de fora do quarto dele na casa de repouso, em sua última noite. Eu saí do banheiro, ela não me notou. Ela estava usando o mesmo suéter cinza, escrevendo algo em sua pasta com um lápis preto. Então ela entrou no quarto dele e nunca mais saiu. Papai estava morto na manhã seguinte.

Quando minha mãe adoeceu, eu estava trabalhando no exterior. Falamos ao telefone, ela estava tão fraca quando sussurrou: — O médico disse que tudo parece normal. — Para que eu não me preocupasse com ela tendo uma morte dramática. Meus pais sempre quiseram que tudo fosse normal. Desde que meu irmão morreu, eles só queriam ser como todo mundo. Talvez seja por isso que me tornei excepcional, por pura obstinação. Mamãe faleceu durante a noite, contratei um avaliador para examinar seu apartamento e seus pertences, ele me enviou fotos. Em uma delas, tiradas do quarto, havia um lápis preto no chão. Quando cheguei em casa, ele havia sumido. Os chinelos de

mamãe estavam no corredor e havia pequenos tufos de lã cinza em suas solas.



Eu falhei com você. Os pais deviam ensinar aos filhos sobre a vida, mas você foi uma decepção.

Você me ligou no meu aniversário no outono passado, eu tinha quarenta e cinco anos. Você tinha acabado de fazer vinte. Você me disse que conseguiu um emprego no antigo edifício Tivoli. A cidade havia movido todo o prédio para a direita do outro lado da praça para abrir espaço para novos apartamentos privados. Você disse a palavra "privado" com tanto nojo, porque somos tão diferentes. Você vê história, eu vejo desenvolvimento, você vê nostalgia, eu vejo fraqueza. Eu poderia ter lhe dado um emprego, poderia ter lhe dado centenas de empregos, mas você queria ser um bartender em Vinylbaren, em um prédio que estava prestes a desabar mesmo quando era uma estação de barco a vapor quatro gerações antes. Perguntei sem rodeios se você era feliz. Porque eu sou quem eu sou. E você respondeu — É o suficiente, pai. Bom o suficiente. — Porque você sabia que eu odiava essa frase. Você sempre foi alguém que poderia ser feliz. Você não sabe o quanto isso é uma benção.

Talvez tenha sido sua mãe quem o forçou a ligar; acho que ela suspeitou que eu estava doente, mas você me convidou para ir ao bar. Você disse que eles serviam *smørrebrød* no café; você se lembrou de que eu sempre comia quando você e eu pegávamos a balsa para a

Dinamarca no Natal, quando você era pequeno. Sua mãe me incitou a fazer algo especial com você, pelo menos uma vez por ano, acho que você sabe disso. Mas eu não conseguia sentar quieto e falar, eu precisava ir para algum lugar e você ficou enjoado de viajar no carro. Então gostamos da balsa, nós dois, eu no caminho até lá e você no caminho de volta. Adorei deixar tudo para trás, mas você adorou ficar no convés e ver Helsingborg aparecer no horizonte. O caminho para casa, a silhueta de algo que você reconheceu. Você amou.

Sentei no meu carro em Hamntorget no outono passado, vi você pela janela do bar. Você estava fazendo coquetéis e fazendo as pessoas rirem. Eu não entrei, fiquei com medo de acabar contando que estava com câncer. Não teria sido capaz de lidar com a sua compaixão. E eu estava bêbado, é claro, então me lembrei dos degraus do lado de fora da casa onde você e sua mãe moravam, e todas as vezes que você ficou lá esperando por mim quando eu não apareci como prometi. Todas as ocasiões em que desperdicei seu tempo. Lembrei-me das balsas no Natal, sempre de madrugada para que chegássemos em casa a tempo de eu passar o resto do dia bebendo. Nossa última viagem foi quando você tinha quatorze anos, te ensinei a jogar pôquer em um bar no porão em Helsingør, mostrei como identificar os perdedores em uma mesa: homens fracos com schnapps fortes. Te ensinei a capitalizar sobre aqueles que não conseguiam entender o jogo. Você ganhou seiscentas

coroas. Eu queria continuar jogando, mas você me lançou um olhar suplicante e disse: — Seiscentos é o suficiente, pai.





Você parou em uma joalheria no caminho de volta para a balsa e comprou alguns brincos com o dinheiro. Levei um ano inteiro para perceber que não eram para alguma garota que você estava tentando paquerar. Eles eram para sua mãe.

Você nunca mais jogou pôquer.

Falhei com você. Tentei torná-lo durão. Você acabou sendo gentil.



Ontem, tarde da noite, no hospital, a mulher com a pasta veio caminhando pelo corredor. Ela parou quando me viu. Eu não corri. Lembrei-me de todas as vezes que a tinha visto antes. Quando ela levou meu irmão embora. Quando ela levou meu melhor amigo. Quando ela levou meus pais. Eu não teria mais medo, eu manteria esse poder pelo menos, até o último momento.

— Eu sei quem você é — eu disse, sem um único tremor em minha voz. — Você é a morte.

A mulher franziu o cenho e pareceu profundamente ofendida. — Eu não sou a morte — ela murmurou. — Eu *não* sou meu trabalho.

Isso me deixou sem ar. Eu vou admitir. Não é o que você espera ouvir em um momento como esse.

As sobrancelhas da mulher baixaram enquanto ela repetia — Eu não sou a morte. Apenas recolho e deixo cair.

— Eu... — eu comecei, mas ela me interrompeu.

— Você é tão obcecado por si mesmo que acha que tenho perseguido você a vida toda. Mas estou cuidando de você. De todos os idiotas, eu poderia o ter escolhido como meu favorito... — Ela massageou as têmporas.

—Fa-favorito? — Eu gaguejei.

Ela estendeu a mão e tocou meu ombro. Seus dedos estavam frios, eles desceram até o bolso do meu peito e

pegaram um cigarro. Ela o acendeu, agarrou a pasta com força. Talvez fosse apenas a fumaça, mas uma lágrima solitária escorreu por sua bochecha enquanto ela sussurrava: — É contra as regras termos favoritos. Isso nos torna perigosos, se o fizermos. Mas às vezes... às vezes também temos dias ruins no trabalho. Você gritou tão alto quando eu fui buscar seu irmão, e eu me virei e acabei olhando nos seus olhos. Não fomos feitos para fazer isso.

Minha voz falhou quando perguntei — Você sabia... tudo que eu me tornei, tudo que conquistei... Você sabia? Foi por isso que você levou meu irmão em vez de mim? — Ela balançou a cabeça. — Não funciona assim. Não conhecemos o futuro, apenas fazemos nosso trabalho. Mas cometi um erro com você. Eu olhei você nos olhos e isso... doeu. Não deveria doer.

— Eu matei meu irmão? — Eu funguei.

— Não — ela disse.

Eu solucei desesperadamente. — Então por que você o levou? Por que você leva todo mundo que eu amo?

Ela gentilmente colocou a mão no meu cabelo. Sussurrou: — Não depende de nós quem vai e quem fica. É por isso que nos ferirmos é contra as regras.

Quando o médico me deu o diagnóstico, não tive um despertar, apenas fiz minhas contas. Tudo que eu construí, as pegadas que deixei para trás. Pessoas fracas sempre olham para pessoas como eu e dizem — Ele é rico, mas ele é *feliz*? — Como se essa fosse uma medida relevante de qualquer coisa. A felicidade é para crianças e animais, não tem função biológica. Pessoas felizes não criam nada, seu mundo é um sem arte, música e arranha-céus, sem descobertas e inovações. Todos os líderes, todos os seus heróis, eles estão obcecados. Pessoas felizes não ficam obcecadas, elas não dedicam suas vidas para curar doenças ou fazer aviões decolar. Os felizes não deixam nada para trás. Eles vivem para viver, estão na terra apenas como consumidores. Eu não.

Mas algo aconteceu. Caminhei pela praia perto de Råå, na manhã seguinte ao diagnóstico, e vi dois cachorros correndo para o mar, brincando nas ondas. E me perguntei: Você já foi assim, tão feliz quanto eles? Você poderia ser tão feliz? Isto valeria a pena?



A mulher tirou a mão do meu cabelo. Ela parecia quase envergonhada.

— Não devemos sentir coisas. Mas eu não sou... apenas meu trabalho. Eu tenho... interesses também. Eu tricoto.

Ela gesticulou para seu suéter cinza. Tentei acenar com a cabeça em apreciamento, porque parecia que ela esperava por isso. Ela acenou com a cabeça de volta com fumaça em seus olhos. Eu tomei o mais profundo fôlego da minha vida.

— Sei que você está aqui para me buscar agora. E estou pronto para morrer — consegui dizer. Como se fosse uma oração. E então ela disse a única coisa que eu mais temia: — Não estou aqui por você. Ainda não. Vai descobrir amanhã que você está saudável. Você ainda viverá por muito tempo, terá tempo para conseguir o que quiser.

Eu tremi. Me abracei como uma criança e solucei. — Então o que você está fazendo aqui?

— Meu trabalho.

Ela me deu um tapinha gentil na bochecha. Em seguida, ela saiu pelo corredor, parou em frente a uma porta e abriu sua pasta. Puxou lentamente um lápis preto e riscou um nome. Então ela abriu a porta do quarto das meninas.



Anteontem, ouvi a menina e sua mãe discutindo. A menina queria fazer um dinossauro de embalagem de leite, mas não havia tempo. A menina ficou com raiva, a mãe chorou. A menina parou então, os cantos de sua boca saltando sobre o desespero deixando seus olhos como se fosse uma corda de pular, e ela segurou a mão de sua mãe e disse: — Tudo bem, então. Mas e um jogo?

Elas tinham um em que fingiam falar ao telefone. A mãe disse que havia sido capturada por piratas, que estava a caminho de sua ilha secreta para ajudar os piratas a construir um navio pirata voador e, em troca, eles iriam levá-la de volta para casa. A menina riu e obrigou a mãe a prometer que então construiriam um dinossauro *de embalagem de leite!* Depois disso, a garota explicou que estava em uma nave espacial com "alianies". "Aliens" sua mãe a corrigiu. "Alianies" a garota corrigiu. — Eles têm máquinas misteriosas com botões enormes e enfiam fios em meus braços e têm máscaras sobre seus rostos e uniformes que fazem barulho e você só pode ver suas cabeças. E eles sussurram, "Isso, assim, isso, assim" e então eles fazem uma contagem regressiva do dez. E quando chegam ao um, você vai dormir. Mesmo que você tente não dormir!

A menina calou-se, pois a mãe chorava em seguida, embora fosse só uma brincadeira. Então a menina sussurrou: — Os alianies vão me salvar, mamãe. Eles são os melhores.

A mãe tentou não beijá-la um milhão de vezes. As enfermeiras vieram e colocaram a menina na maca para levá-la à sala de cirurgia. Elas passaram por máquinas misteriosas com botões enormes. A garota tinha fios presos aos braços e os alianies usavam uniformes que farfalhavam e máscaras nos rostos e quando se inclinavam na beira da cama tudo o que ela conseguia ver eram suas cabeças. Eles sussurraram “isso, assim, isso, assim” e então contaram a partir do dez. E quando eles chegaram a um, a menina adormeceu. Mesmo que ela tentasse não fazer.

É horrível ter que admitir para si mesmo que você não é o tipo de pessoa que sempre pensou que era. Todas vocês, pessoas normais, teriam tentado salvar a criança se pudessem, não é? Claro que sim. Então, quando a mulher com o suéter cinza abriu a porta do quarto das meninas, parte de mim se estilhaçou, porque descobri que sou mais normal do que pensava. Empurrei a mulher, peguei a pasta e corri. Como se eu fosse um de vocês.

Meu carro estava estacionado fora do hospital; as luzes de freio nunca se acenderam. As rodas lutaram por algo pelo qual se agarrar na neve. Dirigi na descida de Bergaliden em direção à cidade e depois peguei Strandvägen para o norte, em direção ao mar. O trecho mais lindo do mundo. Retumbei entre as árvores do Castelo de Sofiero, em direção às casas com terraço em Laröd, e não diminuí a velocidade antes de chegar à 111. Lá, na estrada de acesso para a estrada maior, parei e apaguei os faróis. Quando o caminhão se aproximou, saí em sua direção. Não me lembro da batida, apenas da dor em meus ouvidos e a luz que perpassou por mim enquanto o aço se dobrava como uma folha de alumínio. E o sangue, por toda parte.

A mulher arrastou tanto a mim quanto à pasta para fora dos destroços. Quando gritei — Posso dar a você outra

pessoa para matar! — ela percebeu que eu me referia a mim mesmo. Mas não fez diferença. Ela não podia tomar uma morte por morte. Apenas uma vida por outra vida.

Eu deitei lá no chão com todos os ventos de Helsingborg sob minhas roupas, e ela explicou pacientemente: — Não é o suficiente para você morrer. Para abrir espaço para toda a vida da menina, outra vida tem que deixar de existir. Eu tenho que deletar seu conteúdo. Então, se você der sua vida, ela desaparecerá. Você não vai morrer, você irá nunca ter existido. Ninguém vai se lembrar de você. Você nunca terá existido aqui.

Uma vida por uma vida. É isso o que significa.

Foi por isso que ela me trouxe até você. Ela tinha que me mostrar do que eu estava abrindo mão.



Uma hora atrás, estávamos em Hamntorget observando você pela janela limpando o bar. — Você nunca consegue a atenção do seu filho de volta — disse sua mãe uma vez. — O tempo em que eles não o ouvem apenas para ser legal, esse tempo passa, é a primeira coisa que passa.

A mulher ficou ao meu lado e apontou para você. — Se você der sua vida pela garota do hospital, você nunca terá sido dele.

Pisquei, descompassado.

— Se eu morrer...

— Você não vai morrer — ela me corrigiu. — Você será apagado.

— Mas... se eu não... Se eu nunca...

Ela balançou a cabeça exaustivamente com a minha falta de compreensão. — Seu filho ainda existirá, mas ele terá um pai diferente. Tudo que você vai deixar para trás ainda existirá, mas terá sido construído por outra pessoa. Suas pegadas irão desaparecer, você nunca terá existido. Vocês, humanos, sempre pensam que estão prontos para dar suas vidas, mas apenas até entender o que isso realmente envolve. Você está obcecado com seu legado, não é? Não consegue suportar morrer e ser esquecido.

Não a respondi por um bom tempo. Pensei se você teria feito isso, dado sua vida por outra pessoa. Você

provavelmente faria. Porque você é filho da sua mãe, e ela já deu uma vida. Aquela que ela poderia ter vivido se não tivesse vivido para você e para mim.

Me virei para a mulher. — Eu fico aqui sentado assistindo-o todas as noites desde que fiquei doente.

Ela assentiu. — Eu sei.

Eu sabia que ela sabia. Já tinha entendido isso agora. — Todas as noites, me perguntava se seria possível mudar uma pessoa.

— O que você concluiu?

— Que somos quem somos.



Ela começou a andar direto em sua direção. Eu entrei em pânico. — Onde você vai? — Gritei.

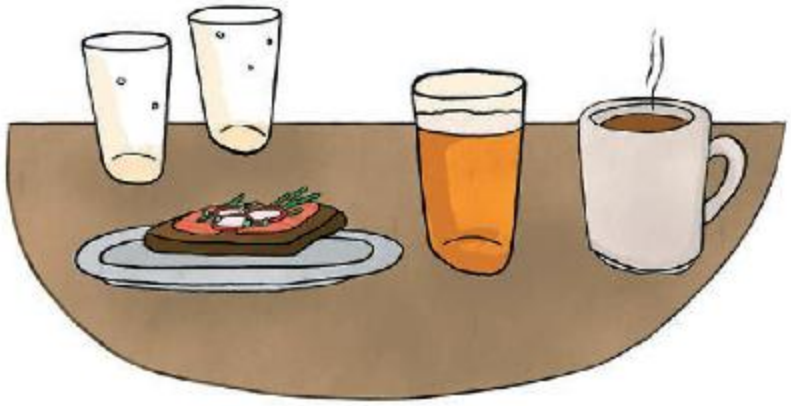
— Preciso ter certeza de que você tem certeza — respondeu ela, cruzando o estacionamento e batendo na porta do Vinylbaren.

Corri atrás dela e sibilei — Ele pode nos ver?

Não sei o que estava esperando. A mulher se virou para mim, zombeteiramente levantou uma sobrancelha e respondeu — Eu não sou um fantasma sangrento. Claro que ele pode nos ver!

Quando você abriu a porta, ela murmurou — Preciso de uma cerveja — sem prestar atenção enquanto você pacientemente, como sua mãe teria feito, tentava explicar que infelizmente o bar estava fechado. Então você me viu. Acho que nossos dois mundos provavelmente pararam naquele momento.

Você não disse nada sobre meu terno rasgado, ou o sangue em meu rosto, você já me viu em estado pior antes. A mulher de suéter cinza comeu smørrebrød e bebeu três cervejas seguidas, mas eu pedi um café. Vi como isso te deixou feliz. Falamos muito pouco, porque havia muito que eu queria dizer. É quando sempre ficamos em silêncio. Você secou o bar e armazenou os copos, e eu pensei sobre o amor em suas mãos. Você sempre tocou nas coisas de que gostava como se elas tivessem pulso. Você se importava com aquele bar, adorava esta cidade. As pessoas, os prédios e a noite se aproximando sobre o Sound. Até o vento e o time de futebol inútil. Esta sempre foi sua cidade de uma maneira que nunca foi para mim, você nunca tentou encontrar uma vida, estava no lugar certo desde o início.



Eu disse à mulher de suéter cinza o que você me disse: que eles mudaram todo o edifício Tivoli para o outro lado da praça. Isso é o que os pais fazem, eles se sentam na frente de seus filhos e contam as histórias deles para uma terceira pessoa, em vez de deixá-los falar por si mesmos. A mulher olhou para mim por intervalos curtos entre piscadas.

— Você não se importa? — perguntei.

— Eu realmente, realmente, realmente não me importo — respondeu ela.

E você riu então. Alto. Isso me fez cantar por dentro.

Eu fiz perguntas, você respondeu. Você me disse que projetou tudo no bar respeitando a história do prédio. Isso estava claro. Eu deveria ter lhe contado isso. Não por você, porque não vai se lembrar de nada disso, mas por mim. Eu deveria ter dito a você que estava orgulhoso.

Você limpou tudo e eu o segui, sem jeito, segurando minha xícara de café. Você se virou para pegá-la e nossas mãos se sobrepuseram brevemente. Senti seu coração bater bem na ponta dos dedos.

Você olhou para a mulher no bar, ela estava lendo o menu de coquetéis e fez uma pausa em um que continha "gim, limão, pastis e triple seca". Seu nome era *Corpse Reviver No. 3.* . Ela riu disso, e então você riu também, embora você achasse engraçado por razões completamente diferentes.

— Estou feliz que você conheceu alguém que é... você sabe... da sua idade. — você me disse baixinho.

Não sabia o que responder. Então não respondi.

Você sorriu e me beijou na bochecha. — Feliz Natal, pai.

Meu coração foi derrubado ao chão e você entrou pela porta da cozinha. Não consegui me permitir a deixar você voltar. Um segundo é sempre um segundo; esse é o único valor definitivo que temos na terra. Todo mundo está sempre negociando, o tempo todo. Você está fazendo o acordo da sua vida, todos os dias. Esse foi o meu.

A mulher bebeu o resto de sua cerveja. Pegou a pasta do balcão. Fomos para a área de estar externa; há uma competição feroz pela vista mais bonita de Helsingborg, mas aquele lugar em particular é tão calmo e confiante. Não precisa se exibir, conhece sua própria beleza. As ondas rolando, as balsas ancoradas no porto, a Dinamarca esperando do outro lado da água.

— Como é que isso funciona? — Eu perguntei.

— Nós pulamos para dentro — respondeu a mulher.

— Isso dói? — perguntei.

Ela assentiu tristemente.

— Estou com medo — admiti, mas ela balançou a cabeça.

— Você não está com medo. Você está apenas de luto. Ninguém diz a vocês, humanos, que seu pesar se parece com medo.

— Pelo que estamos sofrendo?

— Tempo.

Eu acenei com a cabeça em direção às janelas do bar e sussurrei: — Ele vai se lembrar de alguma coisa?

Ela balançou a cabeça. — Às vezes, por um segundo, ele pode sentir que está faltando alguma coisa. Mas... então... — Ela estalou os dedos.

— E a garota?

— Ela vai viver a vida dela.

— Você vai cuidar deles?

A mulher acenou com a cabeça lentamente. — Eu nunca gostei das regras de qualquer maneira.

Abotoei minha jaqueta. O vento soprava em um ângulo vindo de baixo. — Está frio... para onde estamos indo? — Eu perguntei.

Mas a mulher não respondeu. Ela apenas me entregou um par de luvas de tricô. Elas eram cinza, mas havia um único fio vermelho fino pendurado em uma delas. Ela puxou uma pequena tesoura de um dos bolsos e cortou-a com cuidado. Então segurou minhas mãos enquanto pulávamos para dentro. Você nunca irá ler isso. Você nunca esperou na escada do lado de fora da casa de sua mãe. Eu nunca desperdicei seu tempo.



E enquanto pulávamos para dentro, a mulher com a pasta e eu, vi Helsingborg como você sempre a viu por um breve momento. Como a silhueta de algo que você reconhece. Um lar. Era a nossa cidade então, finalmente, sua e minha.

E isso era bom o suficiente.

Você irá acordar logo. É manhã de véspera de Natal. E eu te amei.

SOBRE O AUTOR



Fredrik Backman é o #1 best-seller do *New York Times: A Man Called Ove*, *My Grandmother Asked Me to Tell You She's Sorry, Britt-Marie Was Here, Beartown,* e o romance, *And Every Morning the Way Home Gets Longer and Longer.* Seus livros são publicados em mais de quarenta países. Ele mora em Estocolmo com sua esposa e dois filhos.

TAMBÉM POR FREDRIK BACKMAN

A Man Called Ove

My Grandmother Asked Me to Tell You She's Sorry

Britt-Marie Was Here

And Every Morning the Way Home Gets Longer and Longer

Beartown

Sejam todos bem vindos ao mundo de Fredrik Backman

